



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*Gabinete do Presidente*

**INTERVENÇÃO DE EDUARDO FERRO RODRIGUES,**

**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA**

**SUBCOMISSÃO PARA O FUTURO**

**DAS CAPACIDADES DE SEGURANÇA**

**GRUPO ESPECIAL PARA O MEDITERRÂNEO E MÉDIO ORIENTE**

**DA ASSEMBLEIA PARLAMENTAR DA NATO**

**SALA DO SENADO, PALÁCIO DE SÃO BENTO – 24 SETEMBRO DE 2018**

É com palavras calorosas que vos dou as boas-vindas. Agradeço em particular à Delegação Parlamentar da Assembleia da República à Assembleia Parlamentar da NATO o seu empenho na concretização desta reunião em Lisboa, tão útil e oportuna.

Nenhum Estado, nem a maior potência do mundo, pode garantir a sua segurança sem uma rede sólida de alianças.

Num mundo marcado por riscos globais, a soberania e a defesa nacional também se afirmam e se reforçam através da partilha de recursos e da cooperação internacional.

A inserção de Portugal nas missões da União Europeia, da NATO e da ONU é parte integrante da nossa estratégia de defesa nacional.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*Gabinete do Presidente*

Portugal é produtor de segurança internacional e está profundamente empenhado em contribuir para um mundo de cooperação, paz e desenvolvimento, orientado pelo Direito Internacional, pelo diálogo multilateral e pela promoção dos direitos humanos.

A valiosa participação das Forças Armadas Portuguesas nas Missões da Nato, assim como nas outras missões internacionais, é fator de afirmação externa do Estado e motivo de orgulho para Portugal.

Quando alguns duvidam da necessidade de investirmos em Forças Armadas fortes e motivadas, olhemos para o retorno diplomático, económico e social que advém das Missões Internacionais e das Missões de Interesse Público em território nacional no apoio à proteção civil.

Nestes tempos que atravessamos, é mais pertinente do que nunca a reafirmação feita na Declaração da Cimeira Bruxelas de 11 e 12 de julho último: A NATO é o alicerce da defesa coletiva do Atlântico Norte e o fórum transatlântico essencial para as consultas e decisões entre Aliados.

Para Portugal, país euro-atlântico, o elo transatlântico é natural.

O nosso empenho na NATO é feito a vários níveis. Neste tempo de desinformação, é bom recordar isso. Singularizo apenas:

- A presença do Centro de Análise de Operações da NATO, sediado em Monsanto, que completa em 2018 dezasseis anos;
- A instalação no nosso país da Academia de Informações e Comunicações da NATO;



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*Gabinete do Presidente*

- A participação portuguesa em missões e operações internacionais. Em 2018, no quadro da NATO, portuguesas e portugueses serviram ou continuam a servir no Kosovo, no Afeganistão, no Mediterrâneo, no policiamento aéreo no Báltico e com o destacamento de fuzileiros para a Lituânia.

Ao longo da sua existência a NATO soube sempre adaptar-se. Esta capacidade é garante do seu sucesso.

Reafirmamos hoje a solidariedade e o princípio da defesa coletiva em que se funda a Aliança.

Foi em Lisboa, em 2010, que a NATO adotou o seu atual conceito estratégico. Das suas palavras resulta clara a complexidade das ameaças e do ambiente de segurança internacional, a sua assimetria e imprevisibilidade, que podem vir do espaço cibernético, das comunicações, do terrorismo, da proliferação das armas de destruição maciça, dos tráficos, da segurança energética os desafios ambientais.

Esta avaliação reflete-se na necessidade de desenvolvermos respostas multidisciplinares, que apostem na prevenção e na construção de instituições sólidas.

Reflete-se igualmente no planeamento de defesa e nas capacidades subjacentes. Em julho, na Cimeira da NATO, foram reafirmados os compromissos da Cimeira de Gales de 2014 e de aumentarem os seus gastos com a Defesa. Prontidão, projeção, sustentação e interoperabilidade são requisitos chave.

A sua exigência torna ainda mais relevante a cooperação entre a NATO e a União Europeia. Os recursos são escassos: complementaridade e não duplicação são requisitos essenciais.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*Gabinete do Presidente*

Temos de ter aqui um equilíbrio entre as exigências de rigor orçamental da União Europeia e a necessidade dos Estados membros da NATO contribuírem mais para a área da Defesa.

Temos de encontrar aqui uma complementaridade entre a Aliança Atlântica e a Política de Segurança e Defesa Europeia, prevista no Tratado de Lisboa e cada vez mais presente na nossa agenda.

Pensar a segurança, exige estar atento aos desafios – a Leste, sem dúvida, mas também a Sul. Esse é um olhar geoestratégico da maior importância para Portugal.

Como todos estamos cientes, são múltiplos os desafios no Mediterrâneo. Exigem múltiplas ferramentas, sejam elas do foro bilateral ou do foro multilateral.

Devemos antes do mais uma palavra de apreço para o Diálogo Mediterrânico, que tem uma dimensão prática, ilustrada de modo muito particular no Diálogo Político e nos Programas Individuais de Cooperação.

A este propósito, lembro ainda que a Assembleia da República é membro da Assembleia Parlamentar da União do Mediterrâneo e da União para o Mediterrâneo.

Expressão da nossa atenção para com a margem sul do Mediterrâneo é também a visita à Casa da Democracia portuguesa do Presidente da Assembleia dos Representantes do Povo tunisino, país cujo processo de democratização acompanhamos e encorajamos calorosamente. Trata-se de uma visita de retribuição à que fiz em Fevereiro deste ano. E conto receber igualmente em Outubro próximo, também em visita de retribuição, o meu homólogo da Câmara de Representantes de Marrocos.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*Gabinete do Presidente*

Porque estamos em Lisboa, não quero terminar sem recordar a centralidade do Atlântico e a centralidade de Portugal no Atlântico, bem como os desafios crescentes que enfrenta. É nesse espírito que se insere a preparação pelas autoridades portuguesas a implementação do Centro para a Defesa do Atlântico, na ilha Terceira, nos Açores, que se pretende venha a constituir-se como centro de excelência e plataforma de segurança cooperativa.

Faço votos para que os vossos trabalhos sejam produtivos e que nos ajudem a reforçar a solidez dos laços transatlânticos.

Muito obrigado.

Eduardo Ferro Rodrigues